

### Como referenciar esta obra?

MIRANDA<sup>1</sup>, Jorge Hilton de Assis. *Relação de Mercado e Trabalho Social no Hip-Hop*. Caderno do CEAS - Nº 223, p. 47-58. Julho/Setembro 2006.

## Relação de Mercado e Trabalho Social no Hip-Hop

“Salvador, Bahia, Brasil se resume /Praça da Sé, Pelourinho, a prostituta logo assume  
Que o tempo não tá pra escolher freguês /Atendo pé-rapado, até pequeno burguês  
É um real, aceito ticket, vale transporte /Tem gente que come e ainda quer dar calote  
Profissional do sexo não sossega /Banguela com celulite, perna cheia de pereba  
Pra não passar fome tem que fazer promoção /A concorrência tá grande no mercado da solidão  
No pacote completo posso até incluir /Sem camisinha pagar boquete pro FMI  
Anomalia internacional que nos guia /Quem é que leva dispartido com a lógica da mais valia?  
Quem é que rala a tcheca e pousa de artista? /Cultura baiana, natureza morta futurista.”

**Robson Poeta**

Há mais de vinte anos no Brasil o hip-hop ganha cada vez mais projeção no cenário nacional. Proponho nesse artigo apresentar algumas considerações referentes ao hip-hop enquanto produto comercial e enquanto instrumento de luta política. Busco mostrar relações de trabalho existentes entre adeptos da cultura hip-hop e do Movimento hip-hop e alguns conflitos gerados nessa relação. Concluo o artigo enfatizando a influência do trabalho social no hip-hop soteropolitano e suas diversas formas de obtenção de renda na atualidade.

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), vocalista da banda Simples Rap'ortagem, membro da Rede Aiyê Hip-Hop e representante baiano da organização mundial Zulu Nation. Email: mirandazulu2016@gmail.com

---

## Breve histórico do hip-hop

“Nos quatro cantos do mundo a semente germina  
Rap, breakin, graffiti, dj até na China  
Quebrando barreiras da globalização  
Alternativa de vida, de grito de expressão  
Mercadoria que não se resumi, mas acumula valor  
Em Movimento: respeito, compreensão, amor  
Calor humano, produto que nunca fica ruim  
Que nos ensina: dinheiro é meio e não um fim.”

### **Simples Rap’ortagem**

Primeiramente é importante esclarecer que o hip-hop tem origem afro-americana. É uma manifestação mundial de cunho sócio-político-cultural composta por quatro elementos: rap, breaking, graffiti e dj ou seja, música, dança, artes-plásticas e discotecagem. Na Jamaica surgiu o que talvez seja o mais importante elemento do hip-hop: o DJ, abreviação de Disc Jockey. “Disc” em português é disco e “Jockey” é manobrista, então traduzindo o DJ é um manobrista dos discos. Na Jamaica cultivava-se a tradição oral dos griots (contadores de histórias que através de versos passavam de pai para filho as tradições das tribos africanas). Em 69, com a crise econômica na ilha, o DJ jamaicano de pseudônimo Kool Herc e outros, migram para os EUA fixando-se no gueto nova-iorquino conhecido por Bronx. Ele introduz duas importantes tradições jamaicanas que influenciaram de forma significativa a cultura local: os “sound systems” - sistemas de som armados na rua para animar festas, e a arte inspirada nos griots de se recitar versos improvisados em cima de bases musicais. Essa arte

veio desembocar em meados dos anos 70 no RAP, abreviação de **Rhythm And Poetry** (ritmo e poesia). Essa era a forma de lazer dos jovens negros e latinos marginalizados, que cada vez mais foi se desenvolvendo e se relacionando com outras linguagens artísticas. Equipes de dança surgiam e desenhos cada vez mais elaborados eram feitos em muros e metrô para demarcar territórios. As festas realizadas nas ruas juntavam centenas de pessoas. Eram organizadas por DJs e o mais famoso deles foi África Bambaataa, aquele que teve a brilhante idéia de batizar aquelas quatro manifestações artísticas de Cultura Hip-Hop.

### **Cultura hip-hop X Movimento hip-hop**

“Que país é esse? Eu peço a rego. Que país é esse? Apertem os cintos  
Com 30 anos não consigo mais emprego, mas só poderei me aposentar com 65  
Mas como diz Tânia Franco: *vamos sorrir pela faceta*  
*De termos as melhores cáries do planeta.*”

**Simples Rap’ortagem**

É necessário aqui fazer a distinção entre cultura hip-hop e Movimento hip-hop para que se compreenda de forma adequada às relações de trabalho em torno de ambos e suas diversas problemáticas. Antes é importante esclarecer que a definição de Cultura hip-hop e Movimento hip-hop é recente e bastante peculiar ao Movimento hip-hop baiano, particularmente a Rede Aiyê Hip-Hop<sup>1</sup>. No Brasil e no mundo não é comum se ver os adeptos do hip-hop se referindo a esses termos. O Movimento baiano, considerado um dos mais politizados do país, ao perceber tal diferença e conceituá-la, encontrou resposta para uma série de questões polêmicas em torno do hip-hop (h2). Em 2001 desenvolvi um quadro que pudesse deixar nítida a relação

e distinção entre Cultura hip-hop e Movimento Hip-Hop. Eis aqui pela primeira vez a sua publicação:

A Cultura está no Movimento, mas nem sempre o Movimento está na Cultura;

Na Cultura se tem artistas, no Movimento se tem arte-educadores;

A Cultura trabalha o lado profissional, o Movimento trabalha o lado militante;

A Cultura é global (mundial), o Movimento é local (regionalizado);

A Cultura é passível de se tornar moda, o Movimento jamais;

Objetivo da Cultura: divulgar o Hip-Hop. Objetivo do Movimento: através do Hip-Hop transformar a realidade;

A Cultura é instrumento do Movimento, o Movimento é filho da Cultura;

Na Cultura se tem 4 elementos: rap, breaking, graffiti e dj. No Movimento se tem esses 4, e mais um quinto elemento: a militância (no Movimento todos são militantes);

Na Cultura se vê atitude, no Movimento se vê atitude e consciência;

Na Cultura a “batalha” é entre os artistas, no Movimento a batalha é contra o sistema;

A Cultura mobiliza; O Movimento articula;

A Cultura sem Movimento é caolha e o Movimento sem Cultura é aleijado.

## De Cultura hip-hop a Movimento hip-hop

“Celular na mão, pose de intelectual  
Mas até pra ser gari tem que ter segundo grau  
E o qué queu tenho? O qué queu sô?  
A liberdade que resta é ser consumidô  
Mas nem isso eu posso ser pra nação  
A sociedade não me considera cidadão  
Sem emprego, sem dinheiro não pago imposto  
O inimigo que me fere não tem rosto  
Me joga pruízparro, veja só  
Vivendo em comunidade eu me sinto só”

**\*\*Robson Poeta**

Retornando as origens do hip-hop, até então o que se consolidava era a Cultura Hip-Hop na forma de possibilitar uma diversão acessível aos jovens de baixa renda. Aquelas quatro artes se desenvolveram no mesmo espaço e o surgimento de cada uma delas teve o mesmo impulso: em meio à pobreza, a necessidade de um lazer alternativo. Porém a Cultura que se formava trazia um grande potencial mobilizador fazendo alguns jovens perceberem que se tratava de uma grande força transformadora. A Cultura Hip-Hop passou a se constituir em um Movimento com a herança deixada pelo Movimento dos Black Panthers (panteras negras) – partido político que lutou sob enorme repressão pelos direitos civis dos negros norte-americanos - influenciando a forma de se organizar desses jovens. Assim, o DJ África Bambaataa juntamente com outros amigos que assimilavam essa influência política fundaram em 1973 a Organização Zulu Nation definindo princípios universais para o Movimento que se estabelecia (Hip-Hop). Os quatro elementos passaram a ser estimulados como forma de

---

**\*\*Robson Poeta é filósofo autodidata e arte-educador da Rede Aiyê Hip-Hop.**

Os trechos de rap que ilustram o presente artigo, conservam a forma original conforme foram escritos.

combate a violência entre gangues. Palestras foram organizadas, eventos diversos foram promovidos e os princípios ideológicos do Movimento foram sendo espalhados pelo mundo acompanhando a ascensão da cultura hip-hop. Atualmente a Organização Zulu Nation tem representações em mais de 50 países, sendo o Brasil um deles. Quem escreve o presente artigo é representante da Organização na Bahia.

## **Hip-Hop face ao capitalismo**

“o sonho da velha de eu ser doutor, estacionou quando o sistema me fez  
Não ser cidadão mas ser consumidor, das migalhas do banquete burguês.  
Mas tuas orações não foram em vão mãe, o hip-hop taí transformando a cena  
Com o próprio veneno desse sistema, criando vacina e superando o problema”.

**Simples Rap’ortagem**

O Hip-Hop é uma manifestação sociocultural que nasce dentro das contradições do mundo capitalista. Um dos principais “venenos” do capitalismo é o estímulo a competição. A sabedoria do hip-hop foi utilizar de uma forma positiva esse “veneno” que estava levando muitos jovens a morrerem em brigas violentas entre gangues. Assim a competição passou a ser entre as equipes de breaking e graffiti, disputando através de suas artes qual era a melhor

equipe. Essas “batalhas” tornaram-se a essência do hip-hop no mundo. Foi o que permitiu o hip-hop se expandir a elevado nível de profissionalismo, tornando alternativa de sobrevivência entre seus adeptos, que passaram a assinar contratos de filmes e dispor de patrocínio de grandes marcas. Na década de 70 alguns passos de breaking traduziam uma contestação a guerra no Vietnã. Simulavam soldados que voltavam sem braços e as hélices dos helicópteros que iam pra guerra. Há um Movimento do breaking onde o dançarino parece imitar um robô que faz referência aos exageros do trabalho mecanizado impostos nas linhas de produção norte-americana. Mas conforme a cultura hip-hop foi ganhando projeção mundial, várias contradições foram se evidenciando principalmente a partir dos anos 90. Transcrevo a seguir uma reflexão desenvolvida por Preto Zezé, cantor de rap do grupo Comunidade da Rima e Coordenador Geral do Movimento Hip-Hop Cultura de Rua do Ceará, sobre como o H2 (Hip-Hop) opera face ao sistema capitalista:

“A dança breaking passou a fazer parte de filmes, de comerciais, de pistas de dança, invadiu os palcos dos principais teatros. O dj passou a ser um fenômeno musical, e não mais específico da cultura Hip Hop. O rap se tornou um dos estilos musicais mais ouvidos e vendidos de todo o planeta, participando da trilha sonora dos filmes, de programas de tv. É líder de audiências nas rádios. O graffiti já faz parte da vida das grandes galerias de arte do mundo e por aí vai. A partir dessa massificação a indústria cultural, em particular a indústria porno-fonográfica e todo o seu aparato (rádio, mídia escrita e televisada, etc.) inclui o Hip Hop, principalmente o rap, como elemento a ser produzido e comercializado pelo mercado. Esse que era até então uma manifestação espontânea da juventude explorada, discriminada e excluída pelo sistema.”

A cultura Hip-Hop é absorvida no modelo de produção e consumo capitalista. A indústria cultural movimenta volumosos recursos em torno do Hip-hop. Continua Preto Zezé:

“São bilhões de dólares faturados pelas empresas como SONY, BMG, EMI. A musica rap bate todos os recordes de venda no mercado porno-fonográfico americano, antes ocupado pelo rock. Há tempos que o rap ocupa os primeiros lugares nas premiações da MTV, e com isso ela ganha com o investimento dos anunciantes. Empresas como Adidas, Nike, Siemens, Pionee, Technics, Coca-cola, Mercedes Benz, lucram através da publicidade feita via Hip-Hop. Essa nova etapa do mercado traz duas conseqüências: tenta neutralizar a resistência que a cultura hip-hop ainda possui e acumula capital na mão das empresas multinacionais que dominam a indústria cultural.”

O Movimento hip-hop não é centralizado nacionalmente, mas busca estrutura para superar de modo eficiente esses novos desafios. Como dissemos o Movimento H2 é local, varia de região para região. Por mais que se tenha difundido em mais de 50 países princípios gerais para o hip-hop, isso não se configura na existência de um Movimento hip-hop mundial. A cultura Hip-Hop sim é mundial. O seguimento que atua enquanto Movimento hip-hop nos Estados Unidos não tem uma visibilidade expressiva. São os grupos sem nenhum compromisso social que ganham cada vez mais projeção.

De fato,

“(…) o capital não dá ponto sem nó. Já em conseqüência da intervenção do mercado, começamos a sentir os primeiros sintomas. Começa a prevalecer a música pela musica. O rap sexista que vende milhões à custa da mercantilização da mulher. Cada vez mais cresce o rap que faz a apologia às drogas, enfim o rap sem compromisso social. O desenvolvimento desse mercado do Hip-Hop, propicia à nível local toda uma filosofia de acumulação de capital (consultoria, produtores, gravadoras particulares, grifes, etc.), acabam reproduzindo a lógica do sistema em menor escala: são os empresários do Hip Hop. E não se trata aqui, na realidade somente de um discurso político, pois queremos a liberdade de criação e produção artística. Queremos a autonomia verdadeira dos que produzem a arte e a cultural. Mas não existe liberdade quando essa produção é dirigida pela Globo, MTV, Sbt, Sony e outras. Ou seja, não existe liberdade de produção cultural quando é o mercado que dita as regras do que deve e como deve ser produzido e



consumido. Nesse caso, ser independente não é romper com esse modelo para que alguns se mantenham dentro desse modelo, mas é garantir um outro modelo em que o lucro não esteja acima da cultura e da vida.” Preto Zezé

O caminho pelo qual segue o H2 norte-americano tem impacto no Brasil e no resto do mundo. Mas é possível se verificar aqui resistência a essa tendência mesmo o país não possuindo o que poderíamos chamar de Movimento h2 brasileiro, atuando de modo estruturado e centralizado como atua o MST, por exemplo. No Brasil há quatro seguimentos que atuam como tentativa de articulação de um Movimento Hip-Hop brasileiro sendo que o Movimento Hip-Hop baiano não participa de nenhum deles, pois acredita que antes de se tentar uma articulação nacional é preciso ser bem sucedido numa articulação estadual. Portanto os Encontros de H2 baiano que acontecem desde 2003 buscam fortalecer o Movimento local e atualmente articula 14 municípios: Salvador, Lauro de Freitas, Vitória da Conquista, Alagoinhas, Lençóis, Rio do Meio, Rio de Contas, Itapetinga, Barra do Choça, Pau Brasil, Feira de Santana, Brumado, Ilhéus, Ipiauí. Um dos pontos mais importantes desses Encontros são as discussões sobre sustentabilidade do Movimento. Como gerar renda através da cultura, a fim de que se atendam as necessidades de quem atua enquanto militante? Como se profissionalizar na cultura hip-hop sem se afastar do Movimento, ou seja, de uma atuação engajada politicamente?

### **A cultura do trabalho social dentro do hip-hop**

“Se investe loucamente em especulação  
Ser oitava economia não nos faz cidadão  
A terceirização faz o maior sucesso  
No país que proclama ordem e progresso  
Estão sulcateando a carteira de trabalho

Mandando nossos direitos para casa do *Caramba!*

Quantos mais presidentes sonharão com um amanhã

Assim como FHC se tornar Tio San?"

### **Simples Rap'ortagem <sup>2</sup> -**

No Brasil, mais do que em qualquer outro país do mundo, o hip-hop tomou característica de trabalho social, chegando a ser muitas vezes assistencialista. Acredita-se que um dos motivos pra isso foi a influência da tradição católica por aqui, diferentemente dos EUA, por exemplo, onde a influência protestante historicamente foi maior, sem contudo desconsiderar, como aponta Tânia Franco em referência a Hobsbawn (1986) “países católicos desenvolveram sistemas capitalistas tão pujantes quanto países em que a reforma protestante permeou fortemente o mundo das representações, nestes quatros séculos.” Um fato é que no h2 norte-americano não há a cultura do trabalho social. No Brasil o hip-hop chega aos anos 84/85 e durante muito tempo se encarou como um pecado, a possibilidade de fazer dessa arte uma profissão e viver somente dela como acontece nos Estados Unidos. Hip-Hop aqui sempre esteve associado a trabalho social e, por sua vez, este frequentemente era entendido como trabalho voluntário, aquele “feito por amor”, que “não se espera dinheiro em troca, pois o hip-hop é contra o capitalismo”. Daí por exemplo, a postura que até o ano de 2003 permeou os adeptos do H2: evitar aparecer nos grandes canais de tv, pois isso era interpretado por muitos como “se vender ao sistema”. Tal fato sempre gerou conflitos dentro do hip-hop brasileiro onde alguns romperam com tal idéia. Um dos artistas atualmente que segue essa tendência é o carioca Marcelo D2, que em 2004 em entrevista na MTV, ao ser perguntado sobre a fama que alcançara e as criticas feitas por outras referencias do rap nacional, declarou que nunca defendeu bandeira nenhuma de Movimento. Até pouco tempo tendia-se a considerar os artistas que adotavam postura semelhante como não sendo do hip-hop. Hoje, particularmente a Rede Aiyê Hip-Hop entende que tais artistas são do hip-hop sim, porém Cultura Hip-Hop. Considera, porém a importância dos artistas que conseguem manter uma postura de ativista a

exemplo do rapper MV Bill que tem tido participação com certa frequência em programas da Rede Globo, adotando uma postura assumidamente de engajamento político e falando em nome da CUFA – Central Única de Favelas (organização que trabalha com hip-hop no Rio de Janeiro), o que o caracteriza como Movimento hip-hop. Em 15 de junho de 2005, MV Bill participou de um debate na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA organizado pelo NENU – Núcleo de Estudantes Negros Universitários da UFBA e pela UHURU Hip-Hop<sup>3</sup>. Ao ser perguntado sobre como ele enxergava a participação dele no programa Domingão do Faustão, respondeu: “Foi um espaço conquistado. Há três anos que dizíamos não ao convite, mas quando vimos a possibilidade de ficar 40 minutos ao vivo falando tudo que acreditamos para milhões de brasileiros, aceitamos o convite e tivemos importantes resultados”.

### **Hip-Hop em Salvador: Um capítulo a parte**

“a Bahia também tem general Pinochet  
ele rouba, mata, mas faz  
e se eu tivesse os defeitos especiais  
matava ele e ganhava o Prêmio Nobel da Paz  
virava um mito, tipo Lampião  
atropelava de vez a Constituição  
mas sem curso universitário eu fico sem moral  
não sou nenhum Sérgio Naia, nem Juiz Lalau  
na minha expressão carrego um documentário  
a escravidão acorrentou meu povo no salário”

**Robson Poeta**

Boa parte dos que fizeram parte da Posse Orí (grupo que iniciou o Movimento hip-hop baiano) se desvincularam de forma direta ou indireta da militância dentro do hip-hop. O principal motivo sempre foi a incompatibilidade de se conciliar vida pessoal com uma dedicação a um compromisso coletivo, compromisso esse traduzido em reuniões semanais, realização de palestras, oficinas, produção de eventos, ou seja, ações que não geravam renda mesmo quando eram voltadas para isso como no caso dos shows (eram comum os prejuízos). A maioria dos grupos de rap que mantinha um sonho de um dia viver de música se desfizeram. Por mais que não fosse claro, a cultura do social era na verdade a cultura da caridade. Isso foi tão forte nos primeiros anos do Movimento que se chegou a fazer show de rap arrecadando alimentos sem mesmo saber a quem doá-los. Até 2002 a Posse Orí ainda mantinha a tradição de todo final de ano arrecadar e distribuir roupas usadas a moradores de rua.

Ainda é presente a cultura do trabalho social no hip-hop baiano. A diferença é que hoje já se considera a possibilidade de remuneração para isso. Quando se elabora um projeto para realização de um Encontro baiano de hip-hop, o orçamento deste prevê uma remuneração em torno de R\$ 100,00 para se ministrar uma oficina, por exemplo. É uma forma de se evitar que um membro que seja considerado melhor preparado metodologicamente para ministrar uma oficina, corra o risco de “furar” o compromisso assumido, devido a uma necessidade maior de ordem financeira, o que é comum de acontecer. Aqui em Salvador as formas de obtenção de renda através do hip-hop são bastante diversas e tem sido uma alternativa ao desemprego. No rap ainda é muito difícil ser remunerado por uma apresentação. A cultura do social ainda permeia os diversos seguimentos sociais que quase sempre propões apresentações voluntárias. A banda Simples Rap’ortagem, por exemplo, completou 12 anos em abril de 2006 e durante

todo esse tempo só recebeu cachê cinco vezes. Entre os que dançam o breaking há o grupo “American Bahia” que trabalha dando aula na Escola de Dança da Fundação Cultural, o trabalho social em comunidades é pouco realizado por esses dançarinos. Diferente do grupo “Independentes de Rua”, que participa de projetos diversos. Ambos os grupos fazem apresentações abertas todas às terças-feiras às 19h próximo ao chafariz da Praça da Sé conseguindo alguns “trocados” passando o chapéu. Entre os Djs o mercado tem crescido. Há djs que atuam em danceterias e cobram R\$ 300,00 por uma apresentação que pode variar de 2 à 6 horas de duração. Em sua grande maioria, esses DJs não possuem vínculo com o Movimento organizado. Sabe-se, que em São Paulo há Djs que fazem apresentações pelo país cobrando cachê de até R\$ 7.000,00 e nos EUA, alguns chegam a cobrar R\$ 30.000,00.

Graffiteiros comprometidos ou não com o Movimento conseguem recursos com a vendagem de camisas com desenhos de graffitis. Outra forma se dá através dos serviços de graffitar muros para estabelecimentos comerciais. Em cada graffiti feito é deixado telefone de contato no muro o que possibilita nova divulgação e futuros serviços. Em média tal serviço varia de R\$ 200,00 a R\$600,00. Fato interessante é a estreita relação que, particularmente, os graffiteiros de Salvador estão tendo com o Poder Público. A atual prefeitura tem como projeto transformar a cidade na capital brasileira do graffiti. Em maio de 2005, a prefeitura organizou um concurso de graffiti onde os três primeiros colocados ganharam cada um R\$ 1.000,00 e o quarto e quinto lugar recebeu cada R\$ 500,00. Houve ainda premiação especial de R\$ 1.000,00 para Pinel, como prêmio incentivo. Pinel que era considerado um dos maiores pichadores de Salvador, vem se desenvolvendo como graffiteiro com incentivo do Poder Público. Todos os 25 participantes do concurso receberam a colaboração de R\$ 50,00 pela participação. A prefeitura busca reduzir as pichações oportunizando pichadores e graffiteiros

a se profissionalizarem. Assinou convênio com a Escola de Belas Artes da UFBA para oferecer curso na área de desenho, certificando os participantes. Porém a proposta da Prefeitura que mais tem despertado o interesse dos graffiteiros e pichadores se refere ao Programa Salvador Grafita desenvolvido pela LIMPURB – Empresa Municipal de Limpeza Urbana que emprega 25 jovens entre graffiteiros e pichadores pagando um salário médio de R\$ 400,00 mais transporte e alimentação para fazerem painéis de graffiti temáticos em diferentes pontos da cidade. Em 2006 o Programa Salvador Grafita completa um ano e muitas são as críticas por parte de graffiteiros envolvidos ou não com o projeto. Algumas delas se referem ao limite imposto a expressão artística e ao atraso no pagamento.

Tudo isso são formas alternativas que os adeptos do hip-hop em Salvador encontram para obtenção de renda diante do desemprego. Essa condição de desempregado (incluindo aqui os jovens que ainda não tiveram seu primeiro emprego) tem comprometido significativamente os resultados das ações desenvolvidas pelo Movimento. Há membros que chegam a ficar um mês inteiro sem frequentar as reuniões da Rede Aiyê Hip-Hop por não ter dinheiro para pagar o transporte. Outros, ao conseguirem emprego são obrigados a se afastarem das atividades do Movimento devido a alta carga de trabalho que malmente se concilia com os estudos.

Os adeptos do Movimento em Salvador compreendem que direitos não devem ser confundidos com favor. O Movimento Hip-Hop Baiano que completou 10 anos em 26 de abril de 2006, prima por sua autonomia e independência. Sabe que pra se sustentar precisa evoluir profissionalmente, porém essa evolução está condicionada a um investimento financeiro que não dispõe. Diferentemente dos outros estilos musicais, o rap carrega a característica de manter um compromisso que extrapola a sua mera vinculação através de

shows ou rádios. Possui um cunho pedagógico onde através de diferentes ações tem estimulado o desenvolvimento da leitura e escrita em diversos jovens das camadas populares possibilitando uma maior reflexão sobre sua condição de vida. Tem contribuído para o despertar de uma postura mais crítica e comprometida entre as mulheres negras principalmente e garantido alento a diversos internos do Presídio Lemos de Brito, em ações sócio-culturais. Essa condição de música essencialmente engajada encontra diversos obstáculos na obtenção de apoios. As bandas são indiretamente desestimuladas na tentativa de se profissionalizarem mantendo um compromisso social. Os projetos tendem a ser caracterizados enquanto sociais ou culturais, desconsiderando-se a possibilidade de ter ao mesmo tempo esse duplo caráter. Sendo assim, num projeto social uma banda não pode solicitar no orçamento pagamento de cachê para uma apresentação, pois se alega que isso caberia a projeto cultural. Porém a maioria dos projetos de cunho artístico é restrito a incentivos como o Faz Cultura, regularizados por normas burocráticas, deixando às empresas a opção de apoiar somente os grupos com reconhecida projeção no cenário artístico.

## **Conclusão**

Apesar de trazer um grande potencial de transformação, o hip-hop encontra um limite que tem comprometido o seu desenvolvimento: a falta de compreensão na distinção entre Cultura hip-hop e Movimento hip-hop e os poucos referencias bem sucedidos na tarefa de obter projeção profissional (artística) mantendo um compromisso com a militância (trabalho social). O Movimento vem buscando superar suas diversas contradições e particularmente o Movimento hip-hop baiano tem conseguido resultados positivos nesse sentido desenvolvendo ações que fortalecem uma articulação regional. No entanto, para os adeptos do hip-hop soteropolitano, o maior desafio que se apresenta se configura em criar estrutura suficiente para decidir sobre

seus próprios rumos evitando que a Cultura continue crescendo desvinculada do Movimento, sendo apropriada por grupos com interesses meramente econômicos. Para que isso seja possível é indispensável que o Movimento seja auto-sustentável, que a Cultura possa garantir a profissionalização dos seus artistas comprometidos com um ideal coletivo de luta, possibilitando a consolidação de um mercado solidário e a consequente efetivação de projetos socioculturais nas comunidades onde o hip-hop atua.

---

<sup>1</sup> Rede Aiyê Hip-Hop é uma rede de articulação entre diversos grupos ligados ao hip-hop dos municípios de Salvador e Lauro de Freitas que objetiva fortalecer o Movimento hip-hop local. Atua desde 2001 e as reuniões são abertas acontecendo todas as sextas-feiras as 20:00h no Passeio Público – Campo Grande.

<sup>2</sup> A banda de rap Simples Rap'ortagem é uma das precursoras do Movimento Hip-Hop na Bahia. Surgiu em 1994 e dois anos depois precisamente em 26 de abril de 96 (data da 1º reunião) deu início junto com os grupos de rap Erê Jitolú, Elemento X, Ideologia Alicerce e a equipe de graffiti DN, ao Movimento hip-hop baiano. Essa articulação se ampliou passando a denominar-se Posse Orí.

<sup>3</sup> Uhuru Hip-Hop é um grupo originário do bairro de Massaranduba. Atua na perspectiva de contribuir para a criação de um mercado interno do hip-hop que possa gerar e circular os recursos entre os próprios adeptos do Movimento local. O grupo dispõe de um selo fonográfico independente e administra uma um estúdio de gravação no bairro.



## **BIBLIOGRAFIA**

WEBER, Max. 1976 A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira. 1967, cap. V – A Ascese e o Espírito do Capitalismo, pp 110-132.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. Livro Vermelho do Hip-Hop, 1997. Trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

HERSCHAMANN, Michael (org). 1977. Abalando os anos 90: Funk e Hip Hop - globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro, Tempo Universitário.

MACHADO DA SILVA, Antônio. A (Des) Organização o Trabalho no Brasil Urbano, São Paulo em Perspectiva, v.4, n.3/4, p.2-5, Jul/Nov de 1990.

FRANCO, T. O Trabalho Alienado: habitus & danos à saúde humana e ambientais (o trabalho entre a terra, o céu e a história). Salvador, Tese de Doutorado em C. Sociais/PPGCS/FFCH/UFBA, 2003, ...pp.

JOHNSON, Ollie A. Explicando a Extinção do Partido dos Panteras Negras. Caderno CRH. Número 36.

ANDRADE, Elaine Nunes. Rap e Educação, Rap é Educação. Selo Negro, 1999.